



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**MEMÓRIAS EM CENA: TRAJETÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR NO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

JOSÉ CRISTIANO LIMA DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2016

MEMÓRIAS EM CENA: TRAJETÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR NO INSTITUTO
NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

JOSÉ CRISTIANO LIMA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Julho
2016

MEMÓRIAS EM CENA: TRAJETÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR NO INSTITUTO
NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

JOSÉ CRISTIANO LIMA DE OLIVEIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Raquel Colacique Gomes

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Aos treze anos de idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu... Adeus, meu cajueiro. Até a volta!
Ele não diz nada, e eu me vou embora.
Da esquina da rua, olho ainda por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde, agitado em despedida.
....lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho duro e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe: "Receberás com esta uma pequena lata de doce de caju em calda. São os primeiros cajus do teu cajueiro. São deliciosos, e ele te manda lembranças"

(Meu Cajueiro – Humberto de Campos, minha primeira leitura – 1967).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Florêncio (in memoriam), homem simples, amigo de todos, exemplo de honestidade, lealdade, sempre alegre e fanfarrão, amoroso com todos os filhos, gostaria de ser como ele, tão natural e sempre esperançoso.

E a minha querida, amada e inesquecível mãe Lourdes (in memoriam), mulher forte, com um coração maior do que ela, de poucos amigos, mas os que tinha eram como irmãos, de personalidade forte, agregadora, era uma líder nata, autodidata, nunca foi a uma escola, mas lia Raquel de Queiróz, Alceu do Amoroso Lima, Catulo da Paixão Cearense, são alguns que me lembro, e recitava muitas poesias, sem errar um verso sequer, até os seus últimos dias aos noventa e cinco anos, nunca deixava de recitá-los e contar sobre tudo o que lia, com tanta vida, amor e prazer, era única.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma luta é vencida sem o sentimento que bate mais forte, o amor, acho que ele é a mola mestra para despertar em nós o interesse pelo outro e pela vida, ele que vence as barreiras que julgamos mais intransponíveis, penso que quando amamos o outro, uma energia é desprendida de forma natural que contagia a todos, de forma que isto se traduz em boas amizades, grandes relacionamentos, e na valorização de cada experiência que vivemos isso não tem preço. São essas grandes conquistas que nos momentos de batalha estarão ao seu lado, dando o encorajamento e as palavras necessárias para você prosseguir adiante.

Meu primeiro agradecimento vai pelos que me motivaram a escrever estas narrativas, os meus amigos surdos, sim posso chamá-los de amigos, sem eles em minha vida, não haveria nenhuma palavra ou letra nestas folhas, elas estariam em branco, como um vazio silencioso. A aproximação foi difícil, mas fui insistente e conseguimos derrubar a muralha da comunicação, e confiarmos uns nos outros, isto é muito importante, e não ver a barreira da audição como motivo para sermos o que verdadeiramente somos, simplesmente gente em busca de um ideal na vida, ter a oportunidade de acesso ao conhecimento como todos, o respeito do outro, trocar experiências vivenciadas, enfim, ser reconhecido também como um cidadão do mundo.

Nesta caminhada crescemos juntos, os ganhos foram de ambos os lados. Não sou a mesma pessoa com os outros e nem comigo mesmo, todos temos valor e um papel importante a desempenhar no meio que em vivemos, e compartilhar o que vivemos e sentimos, faz a vida ganhar sentido.

Agradeço a minha amiga Andressa, amiga de todas as horas, nos bons e maus momentos, sempre esteve presente nos momentos cruciais, cada tentativa de desistência ela sempre me estimulava a prosseguir, falando palavras de encorajamento e consolo, que eu não estava sozinho que a luta era de todos, que chegaríamos ao final, estando juntos, ela chegou a linha de chegada, eu estou prosseguindo para o mesmo alvo.

Isto também não seria possível sem a ajuda das minhas irmãs Maria e Leila, sempre

dispostas a estar presente nos momentos em que eu não podia ficar com minha mãe, pois durante grande parte de meu curso, ela ficou enferma, necessitando de cuidados, o que elas prontamente o faziam com carinho, paciência e amor.

Quero também agradecer as minhas companheiras e companheiros de turma, formamos uma boa parceria, motivados de solidariedade, e um espírito de estar sempre disponível para ajudar uns aos outros, foram únicos, será difícil encontrar pessoas assim, sempre dispostas a ouvirem e com palavras tão encorajadoras.

Todo aquele que se lembra de sua própria trajetória acadêmica se lembra de professores, e não apenas dos métodos e formas de ensinar, mas de como eles eram, e isso não dá para esquecer, e tem sempre um em especial, que está sempre aberto para uma conversa, a nos incentivar a nunca desistir, a ter paciência, compreensão e empatia, e sempre falando de forma que eu não me sentisse desencorajado.

Posso dizer que tive a felicidade de tê-lo como meu orientador, professor Marcio da Costa Berbat, e gostaria de agradecê-lo pelo bom humor, mesmo nos momentos em que falhei a sua maneira de conduzir só veio corroborar o que sempre pensei sobre um professor, ser uma pessoa acessível, pronto para ouvir, ser um entusiasta, o que busca valorizar as ideias e opiniões de seus alunos, é aquele que até do erro cria a oportunidade para encontrar alternativas ao aprendizado.

Por isso, gostaria de honrá-lo por ser essa pessoa extraordinária, por sua paciência em ouvir-me e acreditar neste trabalho.

A professora Raquel Colacique Gomes, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Gostaria de homenagear a todos os meus professores do curso de pedagogia, por tudo o que fizeram por mim.

Reconheço o quanto é árdua a tarefa de educar, e a importância que tiveram na minha formação, sei que não sou mais quem eu era, e que ainda estou para ser outra pessoa, pois esta é a magia da educação, está em constante movimento, o que é hoje, não será mais amanhã. Obrigado, Mestres!

JOSÉ CRISTIANO LIMA DE OLIVEIRA. MEMÓRIAS EM CENA: TRAJETÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR NO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Brasil, 2016, 64 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

No presente trabalho apresento narrativas acerca do período de convivência com surdos, no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Abordarei as experiências cotidianas, com pessoas surdas em diferentes momentos de minha vida profissional, apresentando pessoas com diferentes características e faixas etárias diversas, em situações diferenciadas. Como as relações sociais foram estabelecidas, e que mudanças elas trouxeram, produzindo modos de comportamentos na busca de saber o que é ser um surdo, numa sociedade majoritariamente ouvinte, e os desafios que encontramos em estabelecer uma comunicação mais efetiva.

Palavras-chave: surdo, vivências, narrativas.

INDICE DE SIGLAS

CENESP – Centro Nacional de Educação Especial

COMBIMED – Comissão Coordenadora Setorial da área da Saúde

COMCITEC – Comissão Coordenadora Setorial das áreas de Ciências e Tecnologias

COMSART – Comissão Coordenadora Setorial das áreas Ciências Social, Ciências Humanas, Letras e Artes

DIEPRO – Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNDAÇÃO EDUCAR – Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos

IBC – Instituto Benjamin Constant

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

PDV – Programa de Demissão Voluntária

SEDIN – Serviço de Educação Infantil

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Resumo	08
Introdução	11
1. Minha trajetória educacional	13
2. O Encontro com meu xará	23
3. O Estagiário	28
4. A Turma do Vôlei	30
5. Os Profissionais da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS)	31
6. Os Assessores Mestres	36
7. Ele é especialíssimo	40
8. Minha Nova Turma, sem prazo para sair	43
9. Projeto Florescer	61
10. O Aprendizado	63

Introdução

Há pouco mais de duas décadas vivencio experiências cotidianas trabalhando como servidor em uma escola pública para surdos, O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – escola pública secular que atende em sua maioria alunos (as) de classes populares do município do Rio de Janeiro e também de municípios circunvizinhos.

Nessa minha trajetória como profissional, atuo de forma indireta no processo educacional de ensino-aprendizagem, já que de certa forma contribuo para as ações que proporcionam o aprendizado do surdo, e nesta jornada tive a oportunidade de conhecer muitos personagens desse mundo silencioso, mas nem tão silencioso assim.

No dia a dia, caminhando pelos corredores, o meu olhar curioso era visível, me sentia às vezes até confuso, na tentativa de compreender o que tantos gestos, e tantas mãos queriam dizer, que processo de comunicação era aquele.

O que também despertava a curiosidade deles, pois ficava parado por um breve tempo, tentando entender nem que fosse apenas uma palavra.

Na minha mente sempre vinha à questão de como essas crianças e jovens assimilavam o conhecimento, como aprendiam a história, a geografia, a matemática, o português e outras disciplinas, se até nós ouvintes temos dificuldades de assimilar ou entender determinados temas que são próprios de cada disciplina.

Imaginava métodos mirabolantes, para aqueles alunos construírem seus conhecimentos de leitura e escrita, se a deficiência auditiva provocava um retardo na capacidade intelectual, como era estabelecida a comunicação com os ouvintes amigos, familiares e demais pessoas, pois com seus pares era visível a interação de uns com os outros.

Por viver num mundo “silencioso” será que a pessoa surda entende tudo o que está a sua volta?

Por exemplo, quando vai a um cinema, é importante ao assistir um filme entender o que está escrito na legenda, pois a escrita, além da imagem trás também sua carga emocional, então, como ele se emocionará, como sentirá a alegria ou a tristeza, ou o sentimento de temor de um bom suspense? Chegar a um cinema e apenas contar com as caras e bocas que os atores fazem, não dá conta de passar a informação do filme, sua mensagem, o seu significado, de forma mais ampla.

Nessa busca de compreender as experiências dos surdos no processo de aprendizagem, como se desenvolvem socialmente e emocionalmente, e como constroem sua identidade, foi que me deparei com situações inusitadas, mas que relatarei nas narrativas que se seguem.

Narrativas que proporcionam uma oportunidade ímpar de rever conceitos, buscando relacionar o presente com o passado, que compartilham de informações e experiências únicas vividas por mim, e que estabeleceram ligações sólidas e não vejo mais como me distanciar desse lugar que muitos passam ao largo.

Nas páginas que se seguem, são trazidos retalhos lindos da minha própria trajetória de vida e que de forma muito especial e carinhosa, apresento para cada cidadão brasileiro. Com emoção, lembranças de colegas e crianças, muitas saudades e vontade de retornar em muitas das passagens do qual o texto guardará eternamente na mente e corações de todos que puderem fazer a leitura, em especial a comunidade surda. Obrigado e a minha gratidão.

1. Minha trajetória educacional

O primeiro surdo de que tenho conhecimento em minha memória era um garoto que morava próximo da minha casa, quando eu era criança, lá pelos idos dos anos 60, naquele tempo não se ouvia chamarem as pessoas de surdo, mas sempre era o mudinho filho de fulano, que mora perto da casa de algum conhecido, já não me lembro da localização precisa que esse “mudinho” residia, pois já se passaram tantos anos, mas era na mesma rua que eu morava.

Era precisamente o ano de 1965, eu e minha família, meus pais, quatro irmãs e um irmão, tínhamos acabado de chegar de Aracaju, capital do estado de Sergipe, fazia alguns meses que estávamos em Guarulhos, cidade do Estado de São Paulo. Fomos para lá a convite de um tio, irmão mais velho de minha mãe, que tinha migrado para São Paulo na segunda metade da década de 40, e conseguiu prosperar na vida, e assim, foi chamando os irmãos que moravam no nordeste, para também trabalharem com ele, e terem a chance de melhorar em suas condições socioeconômicas.

Chegamos a Guarulhos ainda era o ano de 1964, quando tinha eclodido a “revolução”, e os militares tinham derrubado o governo civil do presidente João Goulart. Mesmo criança, podia sentir e perceber certo clima no ar. Acho que criança percebe tudo muito intensamente, olhava as expressões faciais de meus pais, e também os meus parentes que já moravam em São Paulo, e percebia que algo estava acontecendo na vida das pessoas, e que era coisa ruim, nada muito agradável.

Mas, apesar de toda essa situação conflituosa, naquele momento em nosso país, as vidas seguiam o seu rumo, e meu tio foram logo tratando de resolver como nos organizaríamos para ficar bem acomodados, e quais ações seriam as mais pertinentes para sentirmos mais a vontade, já que chegamos a um lugar tão desconhecido e diferente de nossa terra natal.

Um dia minha mãe me chamou para conversar, e falou comigo que meu tio através de uma amiga, chamada Tica, tinha conseguido uma vaga na escola para mim, depois esta senhora viria ser uma grande amiga de nossa família, por toda a vida dela, e também minha madrinha de crisma. Então, fui matriculado no “Grupo Escolar Professor Paulo Nogueira”, uma escola pública do estado, situadas às margens da rodovia Presidente Dutra, dava para ver e sentir o trepidar dos carros e caminhões pesados passarem, de tão próximo que era a rodovia da escola.

Era tudo muito cinzento, se de um lado tínhamos a rodovia, por outro era a estrada

de ferro da Cantareira, mais tarde incorporada à Estrada de ferro da Sorocabana, com prolongamento até a base aérea de Cumbica em São Paulo, que passava nos fundos do quintal da casa que morávamos, e era um barulho infernal, quando o trem passava, se nossas janelas estivessem abertas, as pessoas que viajavam no trem podiam ver tudo dentro da nossa casa.

Lembro muito bem, quando aos domingos durante o almoço, lá vinha o trem e as pessoas com aquele olhar curioso, nos observando através das janelas, ainda bem que foi desativada no mesmo ano de 1965, e acabou com as terríveis enchentes que ocorriam, quando chovia intensamente, e a estrada de ferro servia como obstáculo para o escoamento das águas das chuvas, formando uma represa, o que causava um tremendo transtorno às nossas vidas, tínhamos muita perda patrimonial, além de estar sujeito a enfermidades.

Dentro desse ambiente que deu início a minha trajetória na educação escolar, lembro-me do primeiro dia de aula, muito ansioso, rapidamente tomei um banho, vesti uma calça de brim coringa, uma camisa branca e um tênis de lona, que não me lembro da cor. E levando uma pasta, um caderno, alguns lápis e um estojo de lata, todo pintado de cores bem coloridas, contendo lápis de cor, todos presenteados por três primas, filhas desse meu tio, fui eu e minha mãe.

Andamos um bom pedaço, por uma estrada de terra pisada, muito empoeirada, rodeada de mato, algumas árvores floridas, e passamos em frente à fábrica de fiação e tecelagem Carbonell, até que chegamos à escola.

Era um terreno enorme, todo cercado por madeira e arame, com um portão bem largo, era uma construção um pouco rústica, pois consistia em seis salas, feitas de madeira e Eucatex, com uma escada de uns quatro degraus, e dispostas separadamente, dentro do terreno de forma retangular, mais parecia um acampamento, as únicas construções de tijolos e cimento era a cozinha e o pátio coberto, onde eram servidas às refeições e lanches, e é claro, o gabinete do diretor, que durante o período de quatro anos que permaneci ali, foi o professor Aloísio de Arruda Camargo.

Tenho boas lembranças, do Paulo Nogueira, das minhas queridas professoras Dona Henriqueta e Dona Terezinha, dos meus inesquecíveis amigos, Nelsinho, Hiroshi e Marquinhos, coincidentemente, representantes de três etnias, o Nelsinho só tinha brancos os dentes e o branco dos olhos, o Hiroshi nem precisa dizer, pelo nome era o descendente asiático (amarelo) e o Marquinhos era branco que doía os olhos, bem se via que desde pequeno nunca fiz acepção de pessoas, não valem os por essas marcas externas.

Tenho saudades da minha cartilha “Caminho Suave”, a de abelha, b de bola, m de

macaco, r de rato, s de sapo, x de xadrez e z de zabumba, sendo alfabetizado com ela, mas quando cheguei ao Paulo Nogueira, já sabia ler muita coisa, lia muitos rótulos de alimentos, os gibis do meu irmão mais velho, e sempre tive a curiosidade de observar como os adultos contavam e liam, eu já associava as letras e as palavras, já sabia sobre os números, a escola veio aprimorar e ampliar tudo isto.

É interessante perceber como as lembranças emergem em nossa mente, e nos faz refletir sobre como recebemos tanta informação, e como a vida é rica, e como ser criança é incrível, me sentia como um pássaro que podia voar sem ter medo da altura, da direção do vento, do calor do sol, ou da água da chuva. Sei dizer que aqueles quatro anos vividos naquela escola, foram intensos, brinquei muito, me sujei muito de lama, caçando girinos nos córregos próximos a ela, corri muito por aquela imensidão de terra, e depois de certo tempo já não tinha mais a companhia de minha mãe, ela só foi me levar no início, depois voltávamos eu e meus amigos juntos, pois morávamos bem próximos, e como toda criança, não prestava, sempre acabávamos parando aqui e acolá pelo caminho, observando tudo a volta, às vezes com certo receio, porque ao longo do percurso tinha um acampamento de ciganos, e dizia a “lenda” que ciganos pegava as criancinhas para cozinhar no tacho e comê-las, então quando avistávamos o acampamento passávamos no galope.

Era então o ano de 1968, e conclui o primário, tive até festa de formatura, com direito a diploma dentro de um canudo forrado de camurça azul, chegou, então o exame de admissão para que eu pudesse ingressar no ginásio, e foi uma prova muito disputada, pois naquele tempo já existia a questão da meritocracia, os alunos melhores colocados ficariam nas melhores escolas, e mais próximas de suas residências, e os piores colocados, nas escolas mais distantes e considerados de qualidade baixa.



Foto 1 - Meu último ano do Paulo Nogueira

Novembro/1968



Fotos 2 e 3 - Minha formatura do primário, em dezembro de 1968.

Ainda lembro-me do texto que caiu na prova de português e interpretação, era um fragmento do livro de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, contando a história do “Pó de Pirlimpimpim”, minha irmã que estava um ano atrasada na escola, fez a prova junto comigo, ainda era no tempo que a cadeira, era um banco de madeira duplo, duas pessoas podiam sentar, então ela fez a prova junto comigo, confesso que ao perceber sua dificuldade em responder as perguntas de interpretação, tentei mostrar as respostas da minha, mas ela por medo nem olhou.

Chegou finalmente o resultado do exame de admissão, e eu fiquei com média geral 8,6 e minha irmã 7,8, assim, eu fiquei na turma da melhor escola da cidade o Colégio Estadual Conselheiro Crispiniano, no centro, e minha irmã não lembro o nome da escola, mas era bem distante, num lugar chamado Jardim Tranquilidade, que de tranquilo não tinha nada, já era conhecido como lugar de delinquência juvenil.

Para minha família, passar no exame de admissão era com se tivesse ganhado na loteria, meu pai deu um churrasco e convidou toda a família, aproveitando que naquele dia, oito de dezembro de 1968, era feriado no município de Guarulhos, por conta do dia da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, e também de um fato muito importante para a cidade no dia de sua padroeira, a visita do Cardeal Dom Agnelo Rossi.

Iniciei no Conselho Crispiniano, no ano letivo de 1969, minha sala era a segunda do

prédio principal, a primeira sala era dos alunos que foram melhores do que eu, ou seja, tiraram média geral acima de 8,6, o meu amigo Nelsinho, do Paulo Nogueira, ficou nessa primeira sala, ele era muito inteligente, hoje penso que ele deve ter se realizado muito bem profissionalmente, mas perdi o contato desde quando vim para o Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1970.



Painel 01 - Do pátio do Conselheiro Crispiniano pintado por Mario Gruber.
Pintor e Muralista Paulista.



Fotos 4 e 5 – Colégio Estadual Conselheiro Crispiniano – Guarulhos/SP/1969.

Como se pode observar, o colégio Conselheiro Crispiniano tinha uma arquitetura bem moderna, totalmente diferenciado das escolas da época, seus espaços eram bem

amplos, o pátio onde ficávamos nos horários do intervalo era bem espaçoso, as colunas que sustentavam o prédio tinham um desenho geométrico bem arrojado para a época, mas como era escola modelo, tudo tinha que ser diferente.

Terminou o ano de 1969, e concluí o primeiro ano do antigo ginásio, meus pais, então, influenciados por uma tia minha, resolveram ir morar no Rio de Janeiro, e cá chegamos num dia ensolarado, era feriado, dia de São Sebastião, padroeiro da capital carioca, e fazia muito calor, aliás, as temperaturas naquele dia oscilaram em torno dos 40° Celsius, foi uma boas vindas para nós que chegamos de Sampa, da terra da garoa.

Aqui no Rio de Janeiro, consegui com o meu histórico do Conselheiro Crispiniano, uma vaga no Colégio Pedro II, seção Sul - Humaitá.

E dei continuidade aos meus estudos no Colégio II, considerado um modelo de escola, hoje não sei, mas no meu tempo era bem rígido, não podia usar a camisa por fora da calça, e o inspetor sempre olhava nossos sapatos se eram pretos e a gravata azul clara, se estava com o nó bem dado.

Em princípio tive dificuldades para me adaptar ao método de ensino, mas com o tempo fui me ajustando, e também claro construindo novas amizades, que algumas perduram até os dias de hoje.



Foto 6 – Registro de quando cursava a 8ª série, em 1972.

Com a conclusão do primeiro grau, em 1973, escolhi fazer o 2º Grau na sede da Av. Marechal Floriano e tive a opção de escolher entre a seção São Cristóvão e a Sede no centro, por ser próximo de minha residência e ter uma disponibilidade maior de transporte para o Centro,

Para cursar tínhamos que optar qual o ensino profissionalizante queria, por gostar muito de biologia, escolhi fazer Laboratorista de Análises Clínicas, onde estudávamos todas as disciplinas normais do segundo grau, mas dando uma ênfase em disciplinas da área biomédica, com muitas atividades de práticas de laboratório, utilizando sempre microscópios, lâminas e lamínulas, realizando vários tipos de culturas para detectar microrganismos, e também dissecação de animais, como ratos, pombos, sapos e outros, para estudarmos sua anatomia e a morfologia interna dos animais, também manipulavam lâminas já prontas com material sangue para observar no microscópio, células de pessoas saudáveis e não saudáveis, era bem distinguível a deformação de uma célula saudável de uma célula de um canceroso, por exemplo, e também com material de urina, que estudávamos a estrutura como odor, coloração e com equipamento apropriado o seu pH.

Tenho muitas saudades dessa época, não me lembro de ir à escola por obrigação, sentia prazer mesmo de estar presente, quando por qualquer motivo fortuito não era possível estar presente, sentia que algo está faltando.

Fazíamos um pouco de tudo, estudávamos em grupo nas residências dos amigos, cada semana trocávamos de casa, rodei o Rio de Janeiro todo, estudei na casa do Jorge, na Sidonio Paes, em Cascadura, e fui de trem, nunca tinha pegado um trem da Central, e ainda por cima com direito a vômito de uma criança em minha roupa, nesse dia riram muito com esse pequeno percalço, na casa da Tereza Flores, na Jaceguai, na Tijuca, na estrada do Pau Ferro, Jacarepaguá, na casa do Antônio Leite, em Copacabana, na casa da Goretti Reisch, em Tauá-Dendê, na Ilha do Governador, na casa da Leni de Almeida, hoje uma grande médica, na Av. Paulo de Frontin, no Rio Comprido, residência da Vânia Badin, hoje Dra. Vânia Badin, e por fim na casa da Rosanete Azevedo, no Meier, ou seja, rodei esse Rio de Janeiro todo com meu grupo de estudo, dava para elaborar uma página amarela.

Que grupo bom, todos comprometidos com a educação, eram jovens, tinha os seus momentos de lazer e diversão, mas nos momentos de estudar, era com dedicação e seriedade. São eles na foto abaixo, olhando vejo cardiologistas, oftalmologistas, advogados, nutricionistas, fonoaudiólogas, professores de educação física, só lembro-me dos mais próximos, com os quais ainda mantenho de certa forma contato, via redes sociais.



Foto 7 – tirada em nosso penúltimo ano no CP II.



Foto 8 – Interior do Colégio Pedro II, Sede – Centro, minha sala era a terceira a direita.

1º andar - Turma 1º, 2º e 3º CB - 1973/1975.

Como não poderia deixar de mencionar, tive professores maravilhosos que me fizeram apaixonar por suas disciplinas, tive a honra de estudar duplamente com o professor

de Português Alvacyr Pedrinha, no Pedro II e posteriormente na UERJ, quando estava cursando Português-Literatura, o professor Onésimo que me fez sentir química como um saboroso prato de guloseimas, o professor de física Fernandes, que com seu jeito peculiar transformava aquelas fórmulas complicadas em algo tão simples, da minha querida Elizabeth de Inglês, com sua forma carinhosa de ensinar, que o que parecia difícil com suas palavras ganhava um sentido lógico. Tive muitos bons professores, ainda penso que o verdadeiro aprendizado depende dessa interação aluno-professor, uma relação aberta e bem ajustada, faz com que a troca de conhecimento seja rica e um ganho para ambos os lados.

Em 1975, terminei o ensino médio profissionalizante, e fui me candidatar ao vestibular para ingressar na faculdade, naquele tempo você optava para fazer prova por área do conhecimento, Comsart era a área destinada à carreira ligada as áreas humanas, Comcítec os cursos da área tecnológica e Combimed a área biomédica.

No meu primeiro vestibular optei por fazer Letras, fiz prova concorrendo para o Português – Literatura, passando em primeira opção para a UERJ, no bairro do Maracanã.

Iniciei o ano letivo em 1976, e estudei no prédio do Pavilhão João Lira Filho, no 11º andar, teve a surpresa como mencionei anteriormente de ter o professor Pedrinha, novamente como meu professor, agora no curso superior.

Porém, no decorrer do curso percebi que não era aquilo que queria no momento, tinha que estudar muita teoria, linguística, latim e outras disciplinas que não entendia qual o seu uso para minha vida, cursei quatro períodos, e resolvi desistir e caminhar em outra direção. Por influencia do meu trabalho iniciei o curso de direito na faculdade Bennett, no bairro do Flamengo, mas não considero que tive professores tão bons quanto os da UERJ, tinha a impressão de que não se importavam se os alunos compreendiam ou não os conteúdos das disciplinas, tinham uns dois professores que deixavam fazer a prova no jardim da faculdade e ainda com consulta, me senti desconfortável com essa postura, embora os alguns colegas gostassem desse método, era mais confortável para eles.

Fiquei na Bennett somente de 1978 a 1979, em 1980 resolvi tentar jornalismo na faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso, em Botafogo.

Cursei quatro períodos de jornalismo, mas percebi que o vemos nos dias de hoje é a mesma coisa de antigamente, se você quiser estar perto da grande mídia e galgar espaços nos melhores mercados de trabalho, terá que se submeter a um sistema ideológico cruel, que distorce os fatos, que cria um cenário fictício como sendo real, caso contrário, você acaba trabalhando como jornalista independente sem muita projeção. Então, acabei deixando tudo, e fiquei um período de minha vida só trabalhando, até que resolvi fazer

vestibular para geografia na UFF, e passei.

Iniciei os estudos na UFF, em Niterói, no primeiro semestre de 1982, ainda funcionava no Campus do Valonguinho, bem próximo a estação das barcas, era no Instituto de Geociências, tinha que caminhar uma boa subida, porque ficava no alto de um terreno bem íngreme, mas sempre ouvia o comentário de que um dia sairíamos dali. Era uma correria, porque tinha aula pela manhã e também à noite, às vezes fazia disciplina no Instituto de Matemática, lembro que ia para aula pela manhã, depois apanhava a barca para a Praça XV, pegava no trabalho até umas 17h, e depois voltava para apanhar a barca novamente, pois tinha disciplina a noite. Nas aulas noturnas os professores sempre liberavam um pouco mais cedo, devido ao horário da barca, para não perdermos a das 22h, pois a seguinte só sairia trinta minutos depois.

Eu gostava do curso de geografia, tinha aulas práticas em laboratório de química, era um curso muito abrangente, não pensei que estudasse matemática, estatística geografia econômica, e outras disciplinas bem interessantes.

Em meados dos anos 80, muita coisa estava acontecendo no país no campo da política, e isso repercutia muito nas empresas públicas, no meu trabalho houve grandes mudanças, o governo instituiu o Programa de Demissão Voluntária – PDV, e perdemos grandes profissionais, para se ter uma noção, eu trabalhava com uma equipe de vinte e cinco funcionários, e ficaram apenas nove, os demais optaram por sair, e claro isso afetou bastante nosso trabalho, fui de certa forma obrigado a trancar minha matrícula na UFF, pois não havia tempo disponível para estudar, absorvi o trabalho de muitos colegas que foram exonerados de seus cargos, além de mudanças no corpo administrativo, trazendo com isso outras formas de organização da empresa, depois dessas mudanças eu tinha que ir muito a Brasília, e quando tudo foi normalizando, eu já não tinha mais ânimo para retornar aos estudos.

Por causa da área profissional que eu estava trabalhando naquele momento, ainda tentei dar continuidade ao curso de direito que tinha iniciado no passado, mas na Universidade Estácio de Sá, mas além de ser dispendioso não estava muito interessado, então dei um tempo para mim.

No ano de 2010, em plena campanha para eleição da escolha da lista tríplice para Diretor Geral do INES, tive a oportunidade de me envolver muito com a classe docente, tinha longas conversas com a candidata professora Solange Maria da Rocha, e sua paixão pelo corpo de alunos surdos me emocionava, o carinho, a importância que ela dava para o grupo, conversava muito sobre surdos e surdez, e fiquei pensando, refletindo sobre os

momentos e experiência que tive com vários surdos ao longo desses anos no INES, então resolveu fazer o ENEM 2010, com a finalidade de cursar pedagogia, para mergulhar nesse universo da educação e procurar entender melhor suas metodologias, currículo e formas de aprender para ensinar, com o resultado do ENEM pude cursar na UNIRIO o curso pretendido, e estou nele até a presente data, não sei até onde irá, mas isso deixa para o tempo contar.

2. O Encontro com meu xará

Era o ano de 1991, aportei no INES em primeiro de julho, e existia um clima de tensão, pois o Ministro da Educação, Sr. Carlos Chiarelli, tinha exonerado do cargo a Diretora Geral professora Lenita de Oliveira Vianna, e nomeado para um mandato provisório a professora Julia Curi Hallal, em quatro de fevereiro de 1991, com o objetivo de botar ordem na casa, havia naquele momento um burburinho de que o INES precisava se organizar melhor, e havia algumas informações inconsistentes, mas penso que se tratou de um ato político, pois naquela época os diretores eram indicados por algum político influente e nomeado pelo Ministro da Educação, não havia eleição para a escolha de um representante de nossa própria comunidade, como ocorre atualmente.

Como disse acima, cheguei ao INES, em primeiro de julho de 1991, oriundo da Fundação Educar, que funcionava no prédio do extinto Centro Nacional de Educação Especial-CENESP, onde hoje funciona a diretoria do Instituto Benjamin Constant – IBC, no INES encontrei um amigo que tinha trabalhado comigo na auditoria da Fundação Educar, Sr. Marco Aurélio Gama, ele que me convenceu de permanecer no INES, pois eu estava entre escolher o IBC ou a UNIRIO, mas no prédio da Rua Voluntários da Pátria.

Ao permanecer no INES, fui designado pelo Diretor Administrativo a verificar toda a parte de controle da merenda dos alunos, desde sua aquisição via licitação até seu acondicionamento, encontrando algumas inconsistências tanto no controle quanto na qualidade e acondicionamento, observei produtos com prazos de validade vencidos, embalagens violadas por roedores, e outros tipos de irregularidades.

Assim, fiquei responsável por tudo que se referia à parte de alimentação dos alunos, foi quando conheci os alunos do Serviço de Educação Infantil-SEDIN, e as inspetoras responsáveis por eles, a Sebastiana, que era mais conhecida como pretinha e Jureminha, e então todos os dias eu as acompanhava juntamente com as crianças durante os períodos das refeições, era um lanche às 9h20 e o almoço entre 11h30 e 12h.

Todo o dia lá estava, eu observando o que as crianças comiam, ficando também sentando naquelas cadeiras miúdas, e eles intrigados perguntando primeiramente quem eu era, e qual o meu sinal, e por que eu estava sentado numa cadeira que era para criança.

Para percebermos que não importa a surdez, toda criança tem a mesma curiosidade, a mesma maneira de agir, de observar, de perguntar.

Fiquei com eles um bom tempo, e como faziam sinais um para o outro, eram tão rápidos que eu ficava atrapalhado, mas a pretinha era uma boa intérprete, e dizia que eles queriam ficar sentado na mesa onde eu estava, e se eu poderia brincar com eles, ela respondia em LIBRAS para eles que não, que eu era adulto, então eu dizia: deixa pretinha eu brinco com eles.

E tinha um menino que todos brincavam que era meu filho, porque a aparência física era tão semelhante, que se fosse filho mesmo não seria tão parecido, e coincidentemente tinha o meu segundo nome Cristiano.

Como aquela garotada era esperta, super agitada, assim que entravam no refeitório, na parte que era destinado a eles, perguntava logo qual era o lanche, o que tinha dentro do pão, se era só manteiga, adoravam quando tinha queijo prato.

Quando terminava o lanche ou o almoço tinham que sair do refeitório todos de mãos dadas, eu pegava na mão de um e do outro e ia também, eles riam, e perguntavam se eu também ia estudar com eles.

Depois eu me lembro de que teve um projeto sobre alimentação, e compraram fogão, geladeira, uma bancada e utensílios para confeccionar alimentos, lembro que brincamos muito fazendo biscoito com amido de milho, ovos, leite de coco, manteiga, e ficava muito gostoso, e era um lazer e aprendizado, tinha várias formas em formato de estrela, coração e animais, e os biscoitos saiam com os formatos, assim, aprendiam muita coisa, já sabiam quem era o leão, o gato, o cachorro, os mais ferozes, os que podiam ser domesticados, que a estrela está no céu, além de quantidade, medida, muitos conceitos foram trabalhados de forma agradável e prazerosa, que para eles era uma brincadeira.

Foi uma fase muito gratificante, no dia a dia você percebe o quanto essas crianças têm potencial para muitas possibilidades, tornar-se pessoas dotadas de capacidade para tudo na vida.

Como ficam felizes quando elogiamos um trabalho deles, quando adquirem confiança em nós, estão sempre perguntando para o que é isso ou aquilo, mostram as coisas que fazem, para dizermos se está certo ou errado, para mim nunca está errado, sempre respondia que estava bonito, porque tudo o que fazemos com amor e dedicação são bonitos,

é importante para quem o faz, então não dá para falar que aquele é melhor que o outro.

O que dizer desses momentos vividos com essas crianças? Que tudo é possível, a barreira de comunicação por causa da surdez, não diminui o amor, o carinho, a sensibilidade, o raciocínio e a possibilidade de você ser o que quiser ser.



Foto 9 – Brincando com o carrinho



Foto 10 – A alegria de ver seu desenho sair impresso



Foto 11 – No Laboratório de Informática



Foto 12 – Indo para o lanche no refeitório



Foto 13 – Área externa da Educação Infantil



Foto 14 – Área de recreação externa da Educação Infantil

3. O Estagiário

Era uma segunda-feira, estávamos iniciando o ano 2000, e como usualmente faço, sou o primeiro a chegar, abro o setor, e logo aparece à moça da limpeza, para dar uma geral no ambiente, não aguardo muito tempo, meu ramal toca e vou atendê-lo, era o pessoal da Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional-DIEPRO, perguntando se eu estava interessado em um estagiário, porque eles tinham feito uma seleção e tinham alguns alunos do segundo grau disponíveis para estágio remunerado no INES, fiquei de consultar a equipe e depois entrar em contato.

Assim que consegui reunir todos consultei o grupo para saber, o que foi unânime, disseram que não precisávamos de estagiário, que já tinha muitas pessoas no setor, mas mesmo assim, não fiquei convencido, pensei muito a respeito, porque estaria dando um trabalho a um jovem aluno surdo, e pensei que seria importante para ele aprender um ofício, se relacionar com as pessoas, entrar num mundo novo, então contra as opiniões, liguei para a DIEPRO e disse que poderia enviar o estagiário.

No dia seguinte pela manhã, ao chegar já estava na minha porta um jovem muito bem vestido, de camisa e calça social impecável, sapato engraxadíssimo, como brilhava, aí arranhando em LIBRAS perguntei quem ele era, e respondeu que a DIEPRO o tinha encaminhado para lá, perguntei seu nome, e ele respondeu Valdir.

Também me apresentei, disse o meu nome em LIBRAS, e meu sinal, porque para o surdo é mais fácil identificar as pessoas pelo sinal, quando você faz o sinal da pessoa, a identificação é imediata, o meu são os dedos indicador e polegar passar na altura de um dos olhos e depois a letra “V” passando por cima da palma da mão, ou seja, aquele do olho verde. Entramos no setor e comecei a mostrar as dependências, e percebia que ele observava cada detalhe, perguntava olhando as prateleiras para que servisse um determinado objeto, como tinha mesa sobrando, indiquei logo a que ele poderia sentar.

Mostrei onde era o banheiro, a geladeira para guardar qualquer alimento, a cafeteira, caso ele quisesse café, o bebedouro, como ligar e desligar o ar condicionado, e disse que ele não precisava vir tão alinhado assim, pois ali tinha muita poeira, e disse como eu estava vestido de jeans, camiseta e tênis, era melhor, inclusive porque ele depois que saísse do trabalho iria jantar no refeitório e ir para aula, pois ele era do noturno.

O pessoal chegou, mas não deu muita atenção, pois como já tinham dito que não precisava, acharam que seria sem propósito.

Mas, estavam muito enganados, com o passar do tempo, percebi o quanto o Valdir era até mais habilidoso que alguns da equipe, tudo que eu ensinava a ele, ele sempre tinha mais alguma coisa a acrescentar, e compreendia com muita facilidade.

Nós tínhamos em separado uma planilha de controle somente de gêneros de alimentação, que nunca batia os valores com a coordenação financeira, porque alguns valores não poderiam ser inclusos no orçamento da instituição, mas sim do convênio do FNDE, então tive a ideia de tirar da funcionária que fazia essas planilhas que nunca coincidiam os resultados com o financeiro, e dei para o Valdir, fiquei impressionado sua habilidade para os números, sabia separar bem os valores que eram recursos da instituição dos valores que não eram, e desde então não deu mais problema esse controle com setor financeiro.

Numa reunião comentei quando todos disseram que não havia necessidade de mais uma pessoa, e ficou sem argumentos, além de tornar uma pessoa um ser útil, importante, era o que ele estava sentindo, sua autoestima estava se fortalecendo.

Durante o tempo que o Valdir permaneceu ali, só tivemos ganhos para os funcionários, e penso que ele também, se firmou como pessoa, adquirindo novos valores, se socializando de uma forma integral.

Sua confiança era tanta, que ele me pedia para responder suas cartas para a namorada, porque segundo ele, ela dizia que ele não sabia escrever, mas para um surdo ele sabia escrever, é que a construção das frases é diferenciada, por exemplo: se ele dissesse “eu vou para casa” quando ele escrevesse seria “casa vou”, pois é assim o pensar em LIBRAS.

Foi assim a passagem do Valdir por nossas vidas, crescemos com ele, com sua atenção, uma capacidade de observar melhor tudo à volta, muito detalhista, organizado, mas tenho certeza também que não passamos em branco, que fomos importantes para ele, que isso foi uma oportunidade para preparar para outras relações que virão e outras experiências que sucederão. Ele ainda voltou a nos visitar por uns tempos, mas infelizmente não tínhamos com contratá-lo, pois o contrato dos estagiários não poderia mais ser renovado.

4. A turma do vôlei

A turma do vôlei aconteceu por acaso, um dia trabalhei até mais tarde, e como estava muito escuro descendo pela rampa, pois o prédio do meu setor é afastado do prédio principal do INES, fica mais próximo ao da faculdade de pedagogia bilíngue, então resolvi descer pela estrada por onde descem os carros do estacionamento, porque por ali tem iluminação, quando passei próximo ao ginásio de esportes ouvi muito barulho, surdo quando faz barulho é bem alto, pois eles por não ouvirem perdem a noção da altura do som, parei e fui até a porta lateral do ginásio, e vi um bando de aluno jogando vôlei, fiquei parado assistindo e com uma coceira na mão, com vontade de estarem dentro da quadra, alguns alunos já conhecia de cruzar pelos corredores, foi quando um deles olhou e me chamou se eu queria jogar, eu respondi como, sem short, ele disse que dobrasse as calças e entrasse a minha vontade foi tanta que dobrei e entrei, só saí dali 22h30m, e assim mesmo porque não poderia ultrapassar daquele horário.

Assim, começamos uma boa amizade, os amigos do vôlei, eram os alunos do segundo grau, que tinham aula de educação física, toda segunda-feira às 18h, então mudei meu horário de trabalho às segundas-feiras, somente para sair mais tarde, e jogar vôlei com o pessoal, depois disso não podia mais encontrá-los onde quer que fosse sempre diziam para eu não esquecer o horário do jogo.

É incrível o que o esporte faz como agrega as pessoas, me sentia ali um deles, nem me lembrava de se eu era ouvinte e eles surdos, erámos pessoas amigas, praticando um esporte, se empolgando, se ajudando, se emocionando, cada ponto ganho era uma comemoração, as regras eram seguidas a risca, quando havia dúvidas em uma jogada o saque voltava, fiquei impressionado com essa turma.

Posso dizer foi um tempo bom para todos nós, sei que agregamos valores como ser amigo, ter disciplina, seguir regras quando é necessário para atingir um alvo a ser alcançado, estiver atenta a jogada do adversário, trabalhar em conjunto, armar estratégias, não desanimar, sabendo que quando um ponto é perdido, podemos recuperá-lo mais a frente, enfim são valores que vai para a vida de cada um deles e a minha também.

5. Os Profissionais da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS)

No final dos anos 90, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), venceu a concorrência realizada pelo INES, para a contratação de serviços de manutenção predial, dessa forma, por ser uma entidade voltada para a questão do surdo, foi uma oportunidade para inserir no mercado de trabalho o seu quadro de profissionais, que são surdos que faz cursos de capacitação para aprender um ofício, através de convênios com instituições como SENAI, SENAC e outras, então, como responsável no INES, naquele momento pelo pessoal desse contrato, tive a oportunidade de conviver com essa equipe de profissionais encaminhados pela FENEIS.

Convivi por um bom tempo, com os sete profissionais surdos, cada um dentro de sua especialidade de trabalho, eram dois eletricitas, um bombeiro hidráulico, dois especializados em construção e pintura, um marceneiro e um assistente, que auxiliava a todos os outros profissionais quando necessário.

Dentre todos, alguns ainda cursavam o ensino noturno no INES, que após o horário de trabalho, faziam a sua higiene pessoal, e vestiam outra roupa para mais uma noite de estudos, outros eram ex-alunos, inclusive já casados e com filhos.

Embora o INES seja uma instituição voltada para educação especial, naquele momento percebi que as pessoas, ou seja, os funcionários não acreditavam que os serviços realizados por pessoas com aquele perfil pudesse dar certo, para minha tristeza ainda percebo hoje muito resistência, desconfiança das pessoas com relação a competência e qualidade de um trabalho realizado pelo surdo.

Pensando de forma contrária, pois acho que não há como saber da competência da pessoa para uma determinada função, sem que estejamos dispostos a dar a oportunidade para ela nos mostrar, se é apta ou não.

E esse tempo que passei junto com essa equipe, só veio a confirmar que as pessoas estavam enganadas.

O primeiro que me aproximei foi o José Luís, o surdo que era o coringa da equipe, o que ajudava os demais profissionais, José Luís, é filho de uma senhora, chamada Jupira, que trabalhava na empresa de terceirização de limpeza e conservação, muito simpática e simples, fizemos logo uma boa amizade, ele tem uma história muito interessante, era aluno do noturno, e além da surdez, tinha outros comprometerimentos.

Antes de ele ser contratado pela FENEIS para trabalhar no INES, presenciei uma cena inusitada, estava chegando ao trabalho, e o meu setor é afastado do prédio principal do INES, tenho que andar por todos os corredores e subir uma rampa, lembro-me de quando estava subindo a rampa, havia uma confusão com pessoas tentando segurar alguém, eram os seguranças do INES, tentando controlar o José Luís, era uma cena muito triste, a sua mãe chorando, e ele numa fúria que não conseguiam dominá-lo, depois eu soube que foi porque ele não estava tomando sua medicação, não fiquei até o desfecho daquela situação, e segui para o prédio onde trabalho.

Então, lembrando-se desse episódio me aproximei do José Luís quando ele se apresentou para trabalhar, acho que o remédio para o José Luís era uma ocupação, atribuir-lhe responsabilidade, dar-lhe atenção, elogiar pelo seu trabalho, sentir-se útil, pois durante todo o tempo em que convivemos no dia a dia de nossa rotina, foram momentos de respeito, valorização do outro.

José Luís era o primeiro a chegar, dava aquele bom dia, com uma satisfação, quando realizava um trabalho que eu pedia para ele fazer, sempre me perguntava, se o trabalho estava bom, se precisava de ajustes, era uma pessoa muito responsável, quando entrava na minha sala sempre fazia o sinal em LIBRAS pedindo licença, apesar de ele ser surdo, o seu conhecimento dos sinais em LIBRAS não era muito preciso, mas mesmo assim eu entendia tudo. É impressionante, quando se tem uma sintonia com a pessoa como até a comunicação flui melhor, e de alguma forma entendemos o que o outro quer dizer.

A sua compreensão de responsabilidade era perceptível, quando recebia o seu salário falava comigo que uma parte era para ele se divertir, e comprar coisas que gostava e a outra ele dava a mãe, para pagar as despesas de casa, ele dizia, com aqueles sinais meio enrolados que sabia que uma casa tinha despesas, como contas de luz, gás, água e também as compras para alimentação.

Às vezes por sua ingenuidade, quando terminava um trabalho, vinha logo pedindo outro, e claro sempre aparecia pessoas percebendo essa fragilidade tentavam abusar, passando a responsabilidade de outros para ele, mas como eu estava administrando os trabalhos naquele momento, não permitia, e falava para cada um realizar o seu.

Tenho a agradecer muito pela vida trazer uma pessoa como ele, foi um aprendizado muito profundo, e quebrou qualquer preconceito que tenhamos por uma pessoa que pela sua “deficiência” seria incapaz de realizar grandes coisas, sinto saudades de José Luís e sua mãe Jupira, eles foram embora, depois dos cinco anos de contrato, pois é o prazo máximo que a empresa pode ficar numa instituição pública, e Dona Jupira se aposentou, e espero

que eu também tenha de alguma forma contribuído para ele ser uma pessoa feliz, e que muita coisa é possível de ser realizada, independentemente de sua limitação.

Marquinhos era o mestre eletricista, ele juntamente com Adilson cuidavam da parte elétrica, também eram muito atenciosos, e precisos no trabalho, sabiam quando o produto era de qualidade ou não, muitas vezes nas trocas das lâmpadas do INES, ela dizia que o problema estava nos reatores, pois eram de má qualidade, e perguntavam por que não comprávamos uma marca melhor, eu respondia que infelizmente a compra era pelo menor preço.

Eu ficava impressionado, às vezes eles tinham o dia muito pesado de trabalho, um curto circuito, um problema elétrico na cozinha, outro no ginásio, e eles davam conta, e o trabalho não era realizado de qualquer jeito, eu sempre perguntava às pessoas como eles trabalhavam, se estavam satisfeitos com o serviço, e a resposta sempre era positiva.

Os demais, o Carlos, bombeiro hidráulico, Roberto e o Sr. João, que trabalhavam com a parte de construção e pintura, e o Sidnei, o marceneiro, também eram pessoas competentes no trabalho que faziam, sabiam tudo de sobre os materiais que utilizavam na rotina de trabalho, peças de hidráulica, aprendendo com eles a distinguir o que é um “niple”, um “tê”, um joelho, uma curva, uma luva, de PVC ou ferro, e suas polegadas, e uso esse conhecimento na minha casa quando preciso fazer algum reparo.

Formamos uma boa equipe, vi muito banco de madeira feito com um acabamento incrível, a correria quando um cano arrebentava, ou um vazamento e tinha que quebrar o chão para descobrir a localização para o conserto, aproveitavam as férias dos alunos e professores para reparar as paredes e pintar o que estava já desgastado com o tempo, realmente eu tive uma equipe de profissionais surdos de qualidade.

Não gosto de comparações, mas hoje em dia não sei por qual motivo, como não trabalho mais nesta área, não sei os critérios de contratação terceirizada, mas não temos mais nenhum surdo no quadro da equipe de manutenção, e quando preciso de um profissional no setor que estou trabalhando atualmente, seja para trocar uma lâmpada queimada, uma calha velha, o filtro do bebedouro, uma carrapeta na torneira, ou uma tomada, percebo que a qualidade caiu, além da demora no atendimento, estou sempre reiterando a solicitação.

Quanto a minha equipe ficaram só nas minhas lembranças, com exceção do Marquinhos que de vez em quando aparece, porque trabalha próximo ao INES, então vai lá matar as saudades.



Foto 15 - Marquinhos instalando o som para a festa de natal do INES



Foto 16 - Quatro membros da Equipe (José Luís, Marquinhos, Carlos e Roberto)
Confraternização de Natal do INES



Foto 17 - José Luís e Roberto
Confraternização de Natal do INES



Foto 18 - Marquinhos e Adilson instalando microfones e som para a festa de
Confraternização de Natal do INES



Foto 19 - Nosso exímio marceneiro e também aluno do noturno do INES

6. Os Assessores Mestres

Em dezembro de 2010, tomou posse no INES como diretora geral, a professora Solange Maria da Rocha, uma profunda lutadora da causa surda, já a conhecia de longa data, desde quando entrei no INES sempre batíamos um bom papo, ela é historiadora e pedagoga, sempre com muitos assuntos para falar, e era uma conversa sempre agradável e construtiva, e muitas ideias e assuntos pertinentes a questões sociais, educacionais e políticas eram muitos convergentes.

Em fevereiro de 2011, ela me convidou para ser assistente dela, na direção geral, em princípio, não aceitei o cargo, porque estava estabilizado no setor que eu trabalhava, o trabalho era agradável e tranquilo, e trabalhar diretamente com a diretora, sabia que seria agitado, então respondi que seria mais interessante para uma pessoa mais jovem, com maior resistência a estresse, porque há um costume das pessoas acharem que todos os problemas da instituição, serão solucionados com o diretor geral, e isso antes de chegar ao diretor, passa pelo assistente, e são sempre problemas para serem solucionados por instâncias abaixo da diretora.

Mas, diante das insistências, optei por aceitar, foi quando conheci seus assessores, dois professores surdos, o Valdo Nóbrega e Paulo André.

Ambos “cria” da casa, lembro tanto do Valdo quanto do Paulo, pelos corredores do Instituto, ainda bem jovens, mas nesse tempo não tínhamos contato, porque eu era funcionário e eles alunos, eram apenas pequenos encontros ocasionais, lembro do Paulo André, jogando futebol no campo, que naquele tempo era de grama natural, pois meu setor era em frente do campo, e quando eu ouvia os barulhos ia ver o que estava acontecendo, e eram os meninos jogando, era muito divertido, tinha juiz com bandeira e tudo, o juiz era o surdo inspetor de aluno, que a minha memória deixou escapar o nome, era engraçado porque ele era bem gordo, e quase perdia o fôlego, correndo por um bom tempo, mas era uma pessoa muito atenciosa com os alunos, e tinha muito o respeito deles.

O Valdo, era mais recolhido, então não era tão visto agora eu sei que ele se envolvia muito com teatro, sempre ligado a área de artes cênicas.

Então iniciamos uma convivência de quatro anos, o tempo do mandato da professora Solange, Valdo era mais temperamental, muito emotivo, demonstrava, muito entusiasmo por tudo, mas era pavio curto, um “criança”. Já o Paulo André, tinha uma personalidade cativante, muito falador, sempre em LIBRAS, e bem humorado. Tinha um ar de mais responsável, e bem compenetrado em tudo que fazia, mas ambos são muito inteligentes, tanto que como assistente, eu era responsável pela agenda de viagens de ambos nas palestras que eles faziam pelo Brasil afora.

E eram sempre solicitados, para dar assistência técnica, participar de congressos como palestrantes, sentia muito orgulho de ver aqueles meninos que um dia vi correndo pelos, e hoje se tornaram profissionais, com perspectivas de galgar voos ainda mais altos, e a surdez não foi um fator impeditivo, para que isso ocorresse.

Valdo, inclusive deu palestra na cidade do Porto, em Portugal, participativa de reuniões com os departamentos do INES, para discutir assuntos pertinentes à educação de surdos, currículo, projetos educacionais, como ambos foram oralizados, faziam leitura labial, e em alguns momentos quando não entendia o que eles diziam em LIBRAS, falavam também, mas nem todas as palavras eram claras, algumas vezes inaudíveis.

Tínhamos uma relação muito cordial, a surdez de ambos não interferiu em momento algum para nossa comunicação, aliás, havia momentos que eu nem percebia que estava conversando com alguém surdo, acho que muito tem a ver como olhamos o outro, e quando estabelecemos uma relação de confiança, respeito e amizade.

Durante esses anos, descobri já no final da equipe se desmembrar, e cada um seguir seu rumo, que o Valdo, ganhou um dos prêmios mais cobiçados do cinema nacional, ele foi

laureado com o Kikito de ouro no festival de Gramado, como melhor ator de filme de curta metragem “O resto é silêncio”, de Paulo Halm, saber disso foi motivo de muito orgulho.

Penso que por desconhecimento, ou por sermos criados e doutrinados por uma cultura, que cria um molde único de pessoas, e quando percebemos que a realidade não é bem assim, rejeitamos o que não vem de acordo com aquele padrão, somos ensinados assim, e não permitimos ter um olhar amplo da vida, que o ser humano é diverso neste mundo, que precisamos acreditar, ter boa vontade e respeito pelo diferente de nós, o pensamento e a ideia de que os que não iguais a maioria, não é provido de inteligência, capacidade e de infinita possibilidades, em se tornar aquilo que queiram se firmar como pessoa, sujeito de si, pronto para experienciar o que a vida tem a oferecer, irá perder a chance de contribuir para que sonhos possam tornar realidade.

Eu testemunhei que tanto na pessoa do Valdo, quanto do Paulo André, que é perfeitamente possível, independentemente do que chamamos de “deficiência”, ser obstáculo para limitá-los de garantir o direito de viver em condições de igualdade com qualquer outro em nossa sociedade.



Foto 20 - Valdo mostrando o seu Kikito de ouro, como melhor ator, em filme de curta metragem no festival de Gramado/RS



Foto 21 - Valdo em sala de aula disciplina LIBRAS - INES



Foto 22 - Paulo André ministrando curso intitulado “Libras em Contexto de Educação Especial: Instrução em Língua Brasileira de Sinais”, realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Aracaju/SE.

7. Ele é especialíssimo

O termo que usei como especialíssimo, foi no sentido que ser notável, sim o Guilherme, é dessas pessoas que você mais aprende do que ensina.

Guilherme é um rapaz que segundo me contaram, além da surdez, foi diagnosticado como Asperger, ele apareceu para trabalhar ajudando à senhora que fazia a limpeza no gabinete da direção geral do INES, dentro da política instituída pela diretora Solange Rocha, é preciso inserir as pessoas que são segregadas por serem “diferentes”, para junto do nosso convívio, e o Guilherme entrou nessa conjuntura.

Lembro que a senhora veio apresentá-lo como seu ajudante para nós, naquele momento somente mais duas pessoas trabalhavam comigo no gabinete, e logo de início percebemos que a senhora não estava se sentindo confortável, pelo fato do Asperger trabalhar com ela, como ela não entendia nada disso, para ela se tratava apenas de um menino maluquinho.

Mas, todos os dias religiosamente o Guilherme chegava no horário, entrava antes de vestir o uniforme azul e dava bom dia em LIBRAS, e saía para logo retornar vestido com o uniforme, munido de vassoura, panos, álcool, cera, esses materiais usualmente utilizados em limpeza, instantes depois chegava a senhora, com aquela cara de que comeu um alimento, e deu indigestão, e ralhava com ele: anda logo menino...

Entretanto, Guilherme vivia no mundo dele, nem entendia que os sentimentos da Fräulein não eram tão bondosos e acolhedores, mas ele acabou conquistando aliados, pelo seu jeito de ser, espontâneo e natural.

Quando Fräulein estava fora das vistas, eu mesmo pegava a vassoura, e mostrava para ele como deveria passar no chão, repetia “zilhões” de vezes pacientemente, e até que ele entendia e fazia, mas era preciso um de nós aproximarmos e dizer que já estava bom, senão era iria furar o chão de tanto esfregar, ele bem conduzido dava conta do recado, mas era necessário paciência e boa vontade.

Todos os dias ele também, dava uma de leitor assíduo, como temos assinatura de jornais, sempre recebíamos um exemplar, quando ele via o jornal, ao modo dele perguntava se podiam ler as meninas que trabalhavam comigo achavam graça, embora não tivessem a menor restrição por ele ser Asperger, não acreditavam que ele entendia alguma coisa escrita no jornal, mas ledô engano, ele folheava as páginas do jornal de uma forma tão brusca, que eu tinha receio que ele rasgasse, mas de repente parava numa folha e vinha na minha

direção mostrando que o flamengo apanhou do botafogo, mostrando com os dedos o placar do jogo, quando Dilma ganhou as eleições no primeiro mandato, ele veio me mostrar a capa do jornal, dizendo que agora, fazendo o sinal de presidente, uma mulher, só não sabia dizer que era do Brasil. E foram muitas as vezes que ele vinha mostrar-me notícias, sempre as com foto, algum acontecimento importante, com entendimento que eu ficava muito intrigado, com certeza ele entendia mais as coisas do que Fräulein.

Tinha o hábito também que perguntar por todos, como eu era o primeiro a chegar, sempre me perguntava fazendo o sinal de um por um, a Adelaide era o sinal com as mãos fechadas passando por sobre a cabeça até a altura do pescoço, a Renata, era com o dedo indicador descendo pelos cabelos até os ombros, a diretora era fazendo sinal de óculos nos olhos e depois dois dedos no ombro, sinal de chefe, isso era todos os dias.

Quando eu entrava de férias, as meninas diziam que ele perguntava todas as manhãs por mim, e quando eu retornava ele perguntava por que eu fiquei tanto tempo longe do trabalho.

Ficava muito impressionado com essas atitudes, como uma pessoa com tantos comprometerimentos, pensando a vida tão distante do mundo real, era muito intrigante, perceber um surdo e asperger, se preocupar com a ausência das pessoas, perceber a ausência, creio que ainda vamos aprender muito sobre essas pessoas, a ciência nos diz tanta coisa, mas nos deparamos com tantas contradições, há muito por ser descoberto, muitos são os mistérios da vida.

O Guilherme é uma prova disso, aprendi muito com ele, me ensinou muita coisa, primeiramente acolher o outro da forma como a pessoa for, acreditar que todos são capazes, tudo depende de nossa percepção e sensibilidade para entender o outro e usar os meios adequados para ensinar o que ela quiser aprender, ser paciente, saber esperar, em que momento se deve falar e ouvir, ser um adulto-criança.

Ficamos com o Guilherme de 2011 a 2014, após esse período a direção do INES mudou, e quem assumiu a coordenação responsável pelos contratos de terceirização dispensou Guilherme, com o argumento de que ele não era adequado para a função, mas seu substituto, era como diziam as pessoas ouvinte e “normal”, mas tenho ressalvas, chegava sempre atrasado, fazia o serviço com um ar de má vontade, e um comportamento muito inadequado para um profissional.



Foto 23 - Guilherme fazendo o sinal do INES em LIBRAS



Foto 24 - Guilherme fazendo o sinal em LIBRAS de parabéns pelo dia do surdo (26/09)

8. Minha Nova Turma, sem prazo para sair

Nesse início do ano letivo de 2016, iniciei o estágio de educação infantil, no primeiro encontro com a professora responsável pelo estágio, indo pelo caminho até chegar à UNIRIO, fui pensando muito sobre o que eu queria fazer, não desejava realizar nada que fosse simplesmente por obrigação, porque está determinado na grade curricular da pedagogia, mas gostaria de realizar algo prazeroso, então, como há alguns anos atrás tinha passado por uma experiência com crianças surdas, mas não muito intensamente, pois foram em espaços fora da sala de aula, e esporadicamente, então resolvi desafiar a mim mesmo, e estagiar na educação infantil do INES, para conhecer melhor como era essas crianças surdas.

Durante o primeiro encontro o discurso da professora, me deixou um pouco desmotivado, porque pela sua proposta, já haviam escolas direcionadas para a realização do estágio, e escolas com um mesmo perfil de aluno, mas os meus pensamentos estavam com as crianças surdas, pensava que fazendo um estágio numa escola com crianças diferente seria mais enriquecedor, tendo em vista que os resultados apresentados e as experiências seriam bem distintos.

Durante a reunião, fiz a proposta para a professora, da possibilidade de o estágio ser realizado na educação infantil do INES, ela não respondeu nem que sim, nem que não, mas propôs conhecer a educação infantil do INES, e conversar com algumas profissionais e a coordenadora pedagógica, creio que para saber se pela sua proposta de trabalho seria possível fazê-lo com crianças surdas.

Eu mesmo recebi a professora na instituição, e a conduzi ao departamento de educação básica, para falar com a coordenadora pedagógica, que a atendeu com toda a atenção, após a conversa, ambas foram para o prédio da educação infantil para conhecer o local e conversar com algumas professoras.

Naquele dia, ela foi embora e não nos encontramos mais, somente no encontro seguinte, após uma semana. Durante o encontro ela perguntou se eu já tinha iniciado o estágio, eu respondi que nem sabia se ela tinha aceitado a minha proposta, e falou até o nome da professora com quem eu iria trabalhar naquele momento, já no crepúsculo, finalizamos o encontro, e fui embora feliz da vida.

No dia seguinte já fui me apresentar para a responsável pela educação infantil, que me chamou para uma conversa, durante o colóquio entrou na sala a professora Ana Luísa, que me perguntou o que eu estava fazendo ali, respondi que iria estagiar na educação infantil, então respondeu insistentemente que eu iria ficar com ela, mas a chefe do Serviço de Educação Infantil-SEDIN, respondeu que eu já tinha uma turma e seria com a professora Vânia, ficaram numa discussão e saí dali com o acordo de que trabalharia trinta horas com a professora Ana Luísa e trinta horas com a professora Vânia. Ana Luísa tem uma história muito bonita, fui amigo da mãe dela desde a década de noventa, quando fui para o INES, a Ana ainda criança, ia trabalhar junto com ela, pois Jurema, era esse seu nome, não tinha com quem deixar a filha, então, Ana cresceu no meio daquelas crianças e jovens surdos, o tempo passou, e hoje ela se tornou professora da educação infantil, no concurso realizado em 2012.

No dia seguinte, cheguei bem cedo e me dirigir a sala da professora Ana Luísa, mas ela ainda não tinha chegado, somente estavam as crianças com a assistente de aluno, cumprimentei-a e disse que era o novo estagiário, então ela respondeu para eu ficar com eles e saiu, fiquei olhando para as crianças, todas sentadas numa cadeira, cada uma de cor diferente, e ao olhar para cada uma tive uma sensação tão boa, inseguro porque não sabia o que fazer sozinho com elas, mas sem estresse, logo que a assistente saiu começou uma algazarra, e eu deixei correr solto, mas prestando a atenção para não deixar nenhuma se machucar, porque era uma correria, como acontece com toda e qualquer criança com aquela idade.

Logo, a professora Ana Luísa chegou e todos imediatamente retornaram para suas cadeiras, então me apresentou as crianças, que ficaram perguntando qual era o meu sinal, porque para o surdo identificar melhor quem é a pessoa, todos devem ter seu sinal, e criaram ali mesmo um para mim, foi a menorzinha do grupo, a Sofia, com quatro anos, mas tão esperta, cheia de vida e energia, uma líder, ela olhou nos meus olhos e fazia o sinal da cor verde, então meu sinal era olhos verdes, o dedo polegar e indicar passando entre o olho direito e depois a sinal da letra v sobre a palma da mão.

Na turma eram oito alunos, e ficava somente a professora, mesmo que houvesse crianças com outros comprometimentos que não fosse à surdez, somente ficava em cada turma a professora, nessa primeira turma que fiquei até mais do que o combinado que eram trinta horas, nem senti que os dias e as horas tinham ultrapassado o período estipulado, mas, vamos falar desses pequeninos mancebos, como não gostar de uma menina tão meiga, como a Alícia, embora tenha outros problemas além da surdez, mas ela é um doce de

menina, com muita limitação para o aprendizado, mas com paciência, perseverança se conseguia realizar com ela coisas muito boas, só tem que ter disponibilidade para acolher, muito amor e gostar do que está fazendo, senão os resultados serão muito aquém do desejado, e Alícia correspondia diante de nossa insistência, reconhecia todas as letras do seu nome, se divertia com as histórias que eram contadas em LIBRAS, e sempre que terminávamos a contação, pedia o livro para ver, e ficava folheando com um olhar tão atento e expressivo, que era quase impossível achar que ela não entendia tudo que estava ali, e fico pensando como a partir dali ela construiria o mundo com sua imaginação.

Alícia também fez muitos desenhos utilizando tinta guache e pincel, se divertindo com as várias cores, na sua imaginação percebi o quanto o seu mundo é colorido e cheio de fantasias, tendo muitos significados expressivos.

O João Lucas, tão independente, mas muito carinhoso, como ao lidar com essas crianças, você diagnostica como é a sua relação com a família, se os apoiam, se os tratam compreendendo as suas limitações, mas com otimismo e entendendo que eles apenas são surdos, mas são como todas as crianças na idade deles, e o João só vieram a confirmar, que vem de uma família estruturada, que assimila suas limitações, mas sabem que é possível ele passar por todas as fases que qualquer criança possa vivenciar.

A Sofia que meu deu o sinal em LIBRAS, com apenas quatro anos, a mais nova do grupo, mas uma líder nata, ela e o João eram os mais rápidos em tudo, tudo que era proposto faziam com uma precisão, a habilidade dele com os números me surpreendia.

Penso em conjugar o verbo no tempo presente, porque não pretendo tão cedo deixá-los, embora já tenha terminado o período do estágio, pedi autorização para frequentar as turmas em que fiquei revezando cada semana em uma, são crianças que precisam de mim, e eu preciso delas, me faz sentir a pessoa mais importante, quando consigo que eles respondam a alguma atividade que proponho, fico feliz.

Você descobre que uns tem mais facilidade para aprender questões que abordam a lógica matemática, outros através das brincadeiras se revelam líderes natos, se tornam mais sociáveis e solidários.

São muito observadores, nada escapa dos olhares deles, já estou ficando neurótico, no bom sentido, tudo que é caixa de papelão, rolo do papel toalha, garrafas pet, nada jogo fora, já fico pensando o que posso fazer para trabalhar temas com elas, outro dia usei as garrafas cortando suas laterais e transformando em pequenos canteiros, onde cada um plantou sua semente, e agora estão naquela fase de acompanhar o crescimento.

Há momentos que viro um palhaço na sala de aula, como vou despertar crianças, que acordam três ou quatro horas da madrugada para chegar a tempo no INES, pois a grande maioria reside na baixada, e em outras localidades muito longínquas, só mesmo despertando com uma boa palhaçada, fazendo brincadeiras se fazendo de um perfeito idiota, enquanto isso elas vão despertando para mais um dia para aprendermos juntos, dando um maior significado a vida.

Quero gastar, ou melhor, ganhar tempo com o Gustavo, como come esse menino, toda hora me faz o sinal de comer, o Bernardo, o mais dorminhoco, mas o desperto com as palhaçadas, carente, toda hora quer colo, mas muito inteligente já faz o que propomos logo na primeira vez, sem precisar repetir, a Maria Luísa, muito brincalhona, sempre bem humorada, e quando estamos falando alguma coisa presta muita atenção.

Ana Luísa Arruda, a menorzinha, para ficar no tamanho dos demais, tem que subir num banco, quando chego às sete horas, ela já está nas escadarias na frente do INES com a mãe, quando me vê corre para me abraçar, uma criança muito carinhosa, e olha que no primeiro dia, ela deu aquele olhar desconfiado, como quem não ligou para mim, mas acho que quebrantei aquele pedacinho de gente, Ana Luísa, bem desenvolvida para a idade dela, cinco anos, se destaca dos outros pela altura, um pouco manhosa, mas percebo que aprendeu, mas fica fazendo manha, quando faço aquele olhar de franzir a testa, ela corre logo para fazer a atividade do dia, Samuel, o “faltador”, como falta esse menino, mas mesmo assim ele acompanha a turma nas atividades, por ser muito esperto, ele faz tudo como muita agilidade, tem um raciocínio rápido.

Gabriel, pois tenho um carinho especial por ele, vejo que ele precisa sentir que é amado, tem uma doença na pele, que fica rugosa, áspera e escura, já observei algumas pessoas olhar com certo receio, por ignorância, pego ele e dou o maior abraço, como ele fica feliz, ele também é bastante observador, não deixa nada escapar, sempre me mostra o que os coleguinhas estão fazendo de errado, segundo ele, Eros Kaluã, é filho de pais surdos, sua mãe é professora no curso de pedagogia bilíngue do INES, é o mais insubordinado, tenho que suar para consegui com que ele se concentre no que estamos falando, nas brincadeiras sempre machuca um coleguinha, não tem muita coordenação, é também muito manhoso, tem problema de sempre escrever seu nome fora do nível das linhas, momentos para cima e outros para baixo, já falei com a professora, ela disse que já falou com os pais, mas até o momento não fizeram nada quanto a essa dificuldade do Eros.

O Caio, é outra criança que também me dá muito trabalho, mas aprendi a ter paciência com ele, é uma criança que percebo que entende tudo que falamos e propomos,

mas está sempre desligado, não se concentra, não consegue manter o olhar para mim, mas um dia conversando com o pai dele, percebi que o Caio é semelhante ao pai, não dava muita atenção ao assunto que estava relatando a respeito do filho dele, por penso o quanto é importante a presença familiar nesse processo de aprender, de se relacionar com o outro, de interagir com as pessoas, é como se a terra já estivesse preparada para plantar a semente e o professor o responsável para cuidar e observar o seu crescimento.

Por último deixei o Isac, eu fui encaminhado para a turma da professora Vânia, por causa do Isac, pois mesmo não tendo a mínima experiência, me colocaram para cuidar do Isac, com suspeita de ser autista, mas ainda sem confirmação, pois a neurologista do INES se encontra prestando serviço no Deolindo Couto, então o setor que tem especialista para realizar esse estudo de caso, não está funcionando, e o Isac, mesmo assim vão todos os dias para aula, outro dia cheguei ao encontro com a professora Adrienne, e ela me viu moribundo, e perguntou o que era eu disse que tinha um nome, Isac, mas que estava morto de cansado, e feliz, dá para entender?



Foto 25 - Entrada da Educação Infantil, com a visão do primeiro pátio onde as crianças brincam, dá para ver um filhote de esquilo, animais que visitam com frequência esse espaço, e as crianças ficam encantadas com a presença desses animais.



Foto 26 - Na manhã do dia 2 de junho o plantio de uma muda de guapeba (*Chrysophyllum imperiale*, também conhecida como “Árvore do Imperador”), espécie em extinção, no jardim do instituto. O evento celebrou a Semana do Meio Ambiente, comemorada entre os dias 30 de maio e 5 de junho, e foi um ato simbólico pela defesa do patrimônio biológico da Mata Atlântica. Sofia, Eros e duas crianças de outra turma, ajudando a plantar



Foto 27 - Duas crianças de outra turma da Educação Infantil no dia que plantamos a Árvore do Imperador.



Foto 28 - Algumas crianças das turmas que trabalho, querendo conhecer o local onde eu trabalho, a da esquerda é a Alícia.



Foto 29 - Mais crianças me visitando, o sentado à minha esquerda é o Caio.



Foto 30 - Trabalho que eu realizei com as crianças, para confeccionar um presente para o dia das mães, feito por elas.



Foto 31 - A Maria Luísa pintando para fazer seu presente para o dia das mães



Foto 32 - Esse é o Gabriel, fazendo o seu desenho.

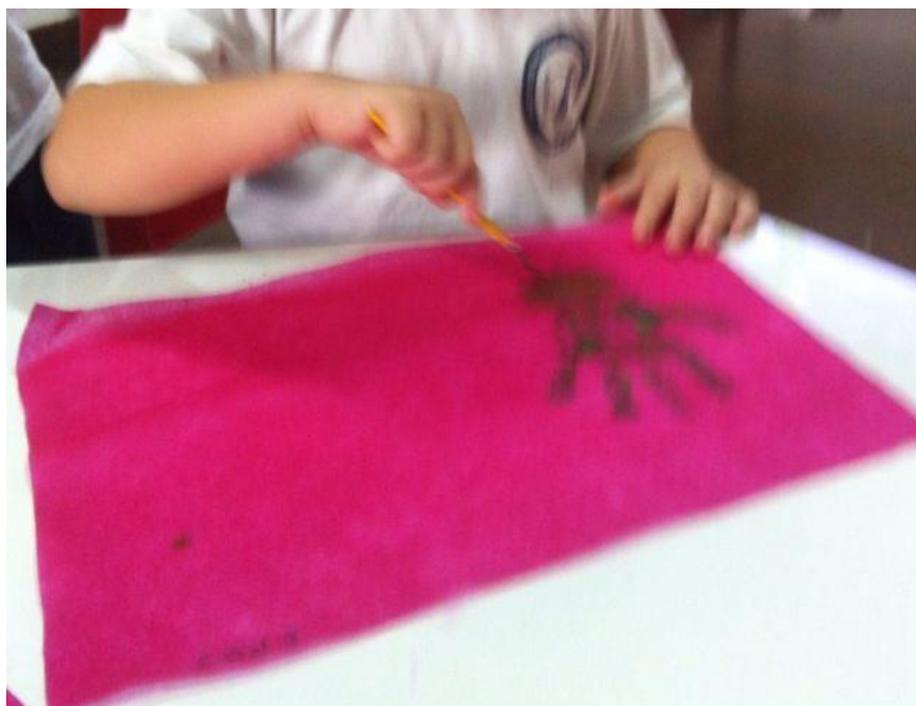


Foto 33 - O Eros Kaloã, fazendo o seu desenho, observe como ele segura o pincel, isso acontece com lápis, giz de cera, lápis de cor, qualquer tipo de escrita essa é a forma como ele segura o objeto.



Foto 34 - Este é o trabalho da Sofia



Foto 35 - Este é o trabalho do João Lucas



Foto 36 - Como ficou o trabalho final para cada um dar para sua mamãe



Foto 37 - No espírito olímpico cada um fez a sua tocha, estas são do Caio, Gustavo e Ana Luísa.

Alguns trabalhos que realizei com a permissão da professora

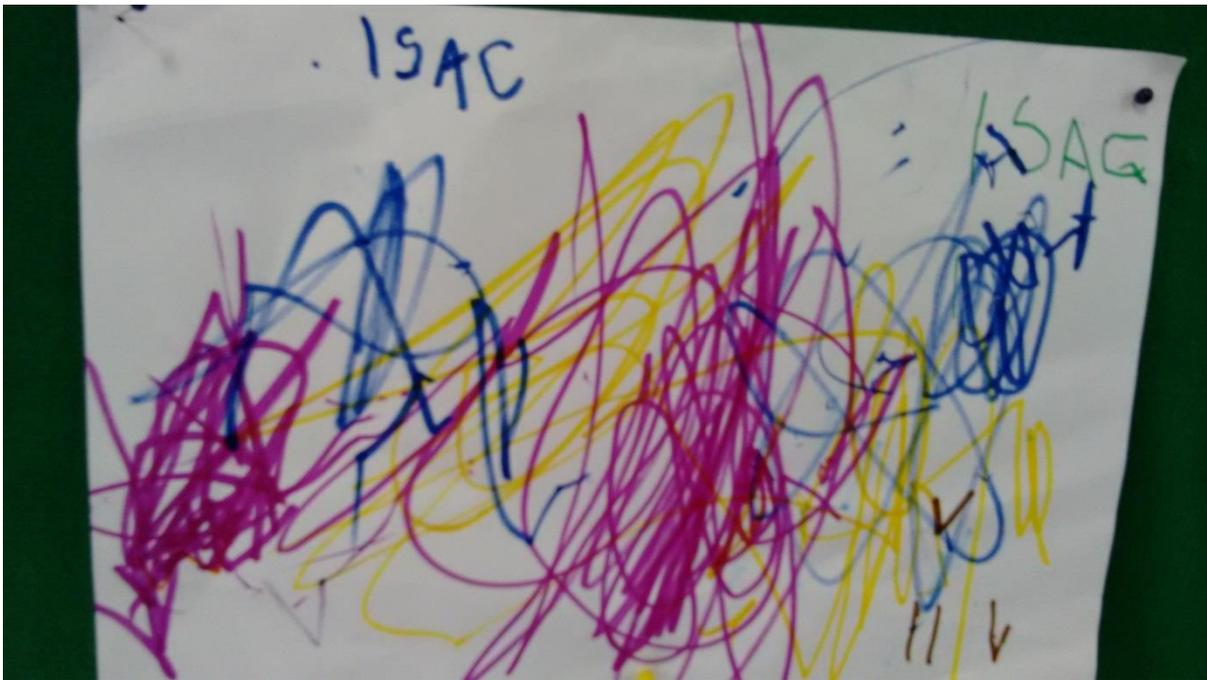


Foto 38 - Isac, o que está aguardando um estudo de caso, com suspeita de autismo.

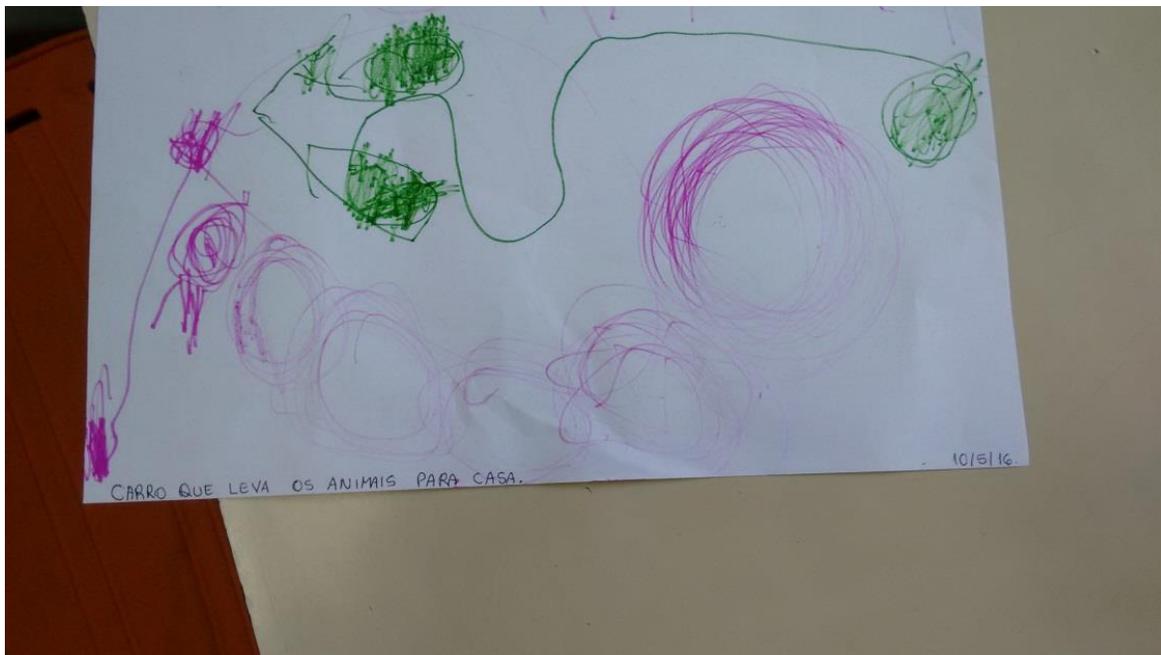


Foto 39 - Eros Kaloã, disse que este desenho é um carro levando animais para casa, ele disse que viu quando visitou num fim de semana o sítio da avó.



Foto 40 - João Lucas disse que eram um tanque e nave de guerra

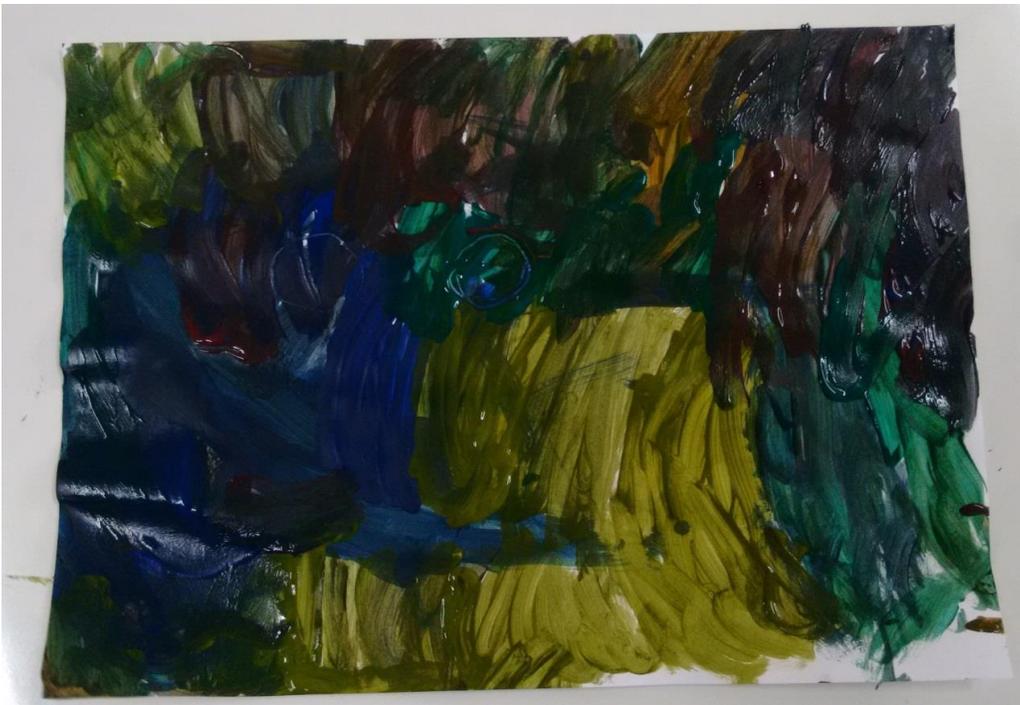


Foto 41 - Samuel disse que era muita gente, fazendo sinal com as duas mãos



Foto 42 - Eros Kaloã disse que eram muitos monstros



Foto 43 - Sofia disse que eram ruas com casas e prédios, e também colocou uma carinha no canto, disse que era uma pessoa, mas não entendi quem seria



Foto 44 - João Lucas, gosta muito de batalhas, falou outra vez que era um tanque, achei parecido com o de starwars, e uma nave atirando.



Foto 45 - Gustavo, brincando de encaixar as figuras nas cartas em branco, somente com as silhuetas.



Foto 46 - João Lucas, desenhando o sol, indicando que os dois pontos azuis era o bondinho no chão e depois andando na linha e montanhas e árvores. (ele fez um passeio no Pão de Açúcar



Foto 47 - Gabriel disse que era ele e a mãe passeando.



Foto 48 - Gabriel em atividade de associação dos números a quantidades

9. Projeto Florescer

Esses dois garotos, são do projeto do Centro de Atendimento Alternativo Florescer-CAAF, o setor que trabalha com alunos surdocegos, baixa visão e múltiplas deficiências. Tenho muito orgulho do trabalho dessas profissionais, porque sei que o trabalho é árduo, requer muito desprendimento, dedicação, pesquisa, sensibilidade e persistência.

Essas fotos registram o momento em que eles estão se dirigindo ao meu setor, pois esse papel que o Junior segura com tanta alegria, é um formulário, de tramitação de material e documentos, e dentro deste projeto, através da professora Cláudia Fulco, inserimos o nosso setor, com o objetivo de auxiliá-los no trabalho que desenvolviam, atribuindo a esses alunos responsabilidades, e eu sentia o maior prazer e satisfação de vê-los chegar para saber se tinham trabalho para ser realizada, quando eu respondia que tinha documentos para serem entregues, a alegria era evidente no rosto deles. Essa consciência de que são úteis e podem assumir responsabilidades, no meu entender produz uma percepção de são alguém, cidadãos, temos nossa importância, há um sentido de ser alguém nessa multidão de pessoas.



Foto 48 – Projeto Florescer

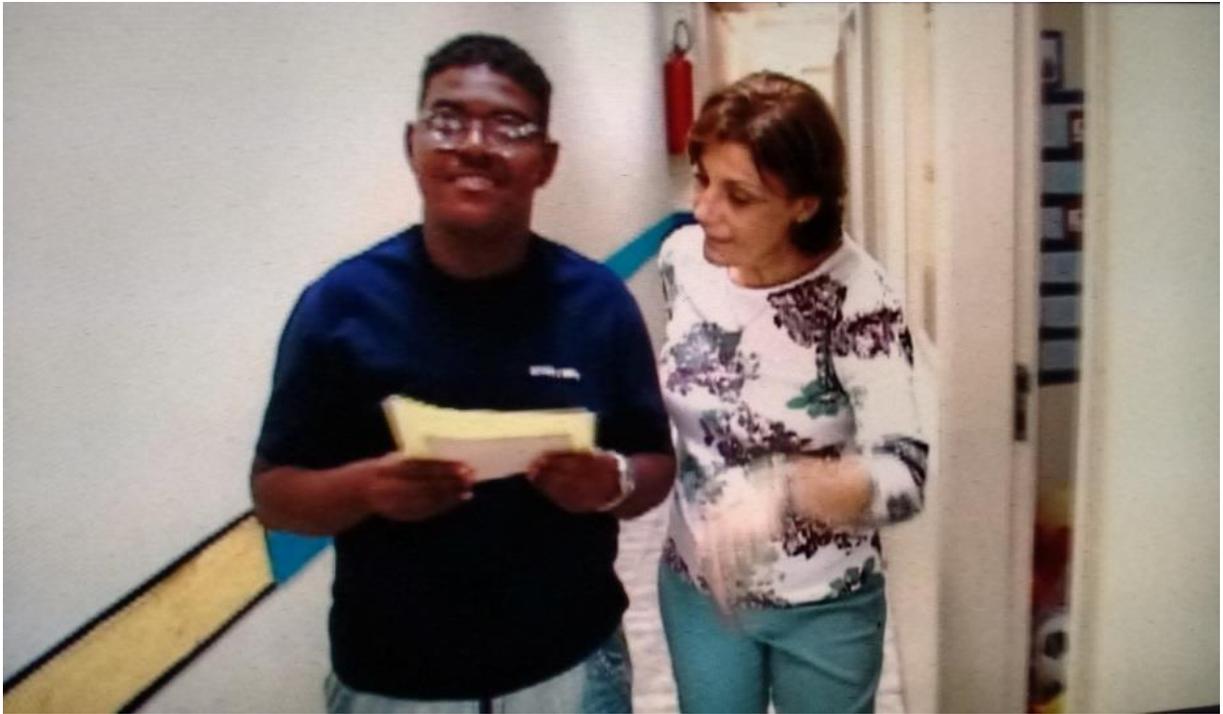


Foto 49 - A professora Cláudia Fulco orientando o Junior para entregar o recibo de entrega dos documentos para nós.

10. O Aprendizado

O que nesses vinte e seis anos de INES, em contato com a pessoa surda, em vários níveis de relação, umas mais profundas, outras menos, apenas com o meu olhar observador, eu pude perceber que no contato com a “cultura ouvinte”, no sentido de que a forma de interagir e de troca de informações, não são as mesmas, cria um sentimento de não pertencimento aquela sociedade, porque ela não entende o surdo como uma pessoa igual a qualquer outra, e assim o surdo só senti que pertence a um determinado meio social, quando ele experiência e interage com outras pessoas surdas, essa identificação cria uma conexão com o outro igual a ele, e nasce um sentimento de família, esse sentimento ele pode traduzir como uma “cultura surda”, porque essa foi a forma de ele receber as informações do mundo.

Eu sempre ouço os surdos do INES falar de “cultura surda”, mas eu entendo que esse termo tem um significado para eles no sentido de como sentir o mundo em volta, através da percepção que não é o som, é mais espacial e visual, assim a forma de comunicar e se relacionar com o outro é diferente.

Como acontece com os ouvintes, temos diversas culturas, a cultura do rock, do funk, hippie, punk, yuppie e outras tantas, cada um com seus sistemas de signos próprios, que só compreendem que faz parte, os surdos também tem sua forma de expressão pessoal, valores e costumes, que muitas vezes não compreendemos, porque são experiências vividas basicamente por quem passa por ela.

Entendo, por essas experiências que passei que para estarmos conectados com os indivíduos surdos é necessário rever certos modelos de comportamentos que adquirimos na forma como nossa sociedade de organiza, e ver os diferentes, não ouvir não significa que não possa ser estimulado, de forma a passar por experiências comuns a todos os seres humanos.

O que acontece, é que esses estímulos não são sonoros, são visuais e espaciais, eles sendo estimulados por esses canais, poderão como todos compartilhar a visão de mundo semelhante a todos nós, precisamos proporcionar um ambiente socialmente acessível, para que as crianças e jovens surdos, e futuros adultos sejam reconhecidos como parte da nossa história, da nossa sociedade, da nossa cultura.

Que tenham as oportunidades que qualquer cidadão possa ter que sejam membros ativos dentro da sociedade, que possam também fazer a diferença, e assumir qualquer papel seja em qualquer comunidade.

A incapacidade de ouvir, não é fator de impedimento de ter um bom raciocínio, um perfeito desenvolvimento cognitivo, o que impede são as oportunidades de comunicação, por isso quando tive a oportunidade de estar com essas crianças surdas da educação infantil, me esforço ao máximo para estabelecer uma forma de comunicar que atenda a necessidade da criança, para que ela possa entender e desenvolver o potencial que cada uma tem dentro de si, e daí surgir um grande número de possibilidades para seu enriquecimento cultural.

Dentro dessa reflexão sobre as experiências com surdo, vejo o quanto é importante o aspecto do apoio familiar, como tem impacto positivo sobre a vida dessas crianças surdas, melhora seu aprendizado, amplia sua capacidade de interagir com os outros, a criança tem uma maior facilidade em sua comunicação, por conseguinte, as suas habilidades para aprender aumentam consideravelmente.

Negar o acesso à cultura, ao conhecimento, rejeitar as pessoas pura e simplesmente, porque não compartilham um modelo que não é igual aos demais, é negar-se a si mesmo, porque eu sou o outro, então também tenho o direito de construir minha identidade cultural, uma característica de toda a espécie humana.